

A emoção da ortodoxia

A emoção da ortodoxia

Redescobrimo a aventura da fé cristã

TREVIN WAX

Prefácio de
KEVIN J. VANHOOZER

Traduzido por Susana Klassen



MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2022 por Trevin Wax
Publicado originalmente por InterVarsity Press, Downers
Grove, Illinois, EUA.

Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

*CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

W865e

Wax, Trevin, 1981-

A emoção da ortodoxia : redescobrimo a aventura da fé cristã / Trevin Wax ; prefácio de Kevin J. Vanhoozer ; tradução Susana Klassen. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2024.
264 p.

Tradução de: The thrill of orthodoxy : rediscovering the
adventure of Christian faith
ISBN 978-65-5988-351-6

1. Credos. 2. Cristianismo. 3. Teologia dogmática -
História. I. Vanhoozer, Kevin J. II. Klassen, Susana. III. Título.

24-93139

CDD: 238
CDU: 27-284

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

*Edição
Daniel Faria*

*Revisão
Ana Luiza Ferreira*

*Produção e diagramação
Felipe Marques*

*Colaboração
Gabrielli Casseta
Guilherme Lorenzetti*

*Adaptação de capa
Jonatas Belan*

Publicado no Brasil com todos
os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Igreja
1ª edição: novembro de 2024

PARA MAMÃE E PAPAI,
que passaram adiante o tesouro

Sumário

Prefácio por Kevin J. Vanhoozer	9
1. Nisto eu creio	15
2. Levados pela correnteza	37
3. Redescobrimo a aventura	52
4. Por que os detalhes importam	79
5. A estreiteza da heresia	102
6. A verdade enfrenta o mundo	130
7. Prêmio eterno, batalha épica	152
8. Visão emocionante	180
9. Coração pulsante	198
10. O futuro da ortodoxia	218
Agradecimentos	233
Lista de leitura para os próximos passos	235
A Definição Calcedônia	237
Uma Confissão Católica Reformadora	239
Notas	247

Prefácio

Kevin J. Vanhoozer

Nada emociona os desiludidos. Viver no Ocidente no século 21 é viver em um mundo que se tornou desencantado, uma terra de Oz em que as cortinas foram abertas, expondo o maquinário por trás do mistério, os interesses econômicos por trás da política, a psicologia por trás da religião e o genoma por trás do que costumava ser a alma. Nesse prosaico mundo novo, sentimentos de empolgação genuína são escassos e obrigam os engenheiros de parques de diversão a construir montanhas-russas cujas subidas íngremes, giros invertidos e curvas fechadas passam com tanta velocidade que o cérebro não é capaz de processar o que está acontecendo; e nem isso é suficiente. Os caçadores de emoção querem ir mais alto, mais rápido, experimentar mais intensamente a força da gravidade. Aqueles que têm condições financeiras agora fazem passeios de foguete para sentir essa euforia.

Hoje em dia, atletas raramente experimentam o que o comentarista esportivo Jim McKay descreveu memoravelmente como “a emoção da vitória, a agonia da derrota” (para o programa semanal *Wild World of Sports* da rede de televisão ABC). Em nosso tempo, os caçadores de emoção procuram esportes *extremos* com velocidade, altura e risco ainda maiores. Saia da frente, êxtase religioso; dê passagem para a injeção de adrenalina.

Outros sintomas aqui e ali na cultura atual confirmam que estamos morrendo de tédio. Considere, por exemplo, o Rainforest Cafe, um restaurante que se descreve como “uma emoção incrível para todas as idades”. Os clientes não ficam apenas à espera de uma mesa; são recepcionados por um guia de safári que diz: “Sua aventura começa aqui”. São conduzidos, então, para seus lugares em uma floresta tropical artificial, com todos os elementos típicos (graças a robôs animatrônicos), e, a cada dezoito minutos, há uma “tempestade” com fortes trovões, pois, afinal, que graça tem comer debaixo de um céu azul e sem animais selvagens?

Será que os cristãos são diferentes? Têm bons motivos para se empolgar com alguma coisa? Muitos acreditam que doutrina, a formulação de suas crenças distintivas, é mortalmente tediosa. Até mesmo gente que frequenta a igreja de longa data por vezes imagina que estudar teologia sistemática é tão empolgante quanto ser manobrista de estacionamento: sim, há um sistema e um lugar para cada coisa, mas falta algo que desperte interesse. O próprio termo *ortodoxia* tem efeito desanimador semelhante; “convenção antiga”, “conformismo enfadonho” ou “opinião acomodada” não são exatamente descrições que incentivam as pessoas a saltar do banco de igreja e aplaudir, ou mesmo se levantar da cama pela manhã. Pior que isso, a simples ideia de que alguém tem de se conformar a conceitos definidos é anátema para o artista criativo que talvez se mostre mais propenso a falar da *depressão* da ortodoxia.

Trevin Wax nos convida a reconsiderar os caminhos batidos pelos quais nosso modo de pensar sobre a ortodoxia se enveredou. A *verdadeira* aventura dos cristãos começa nas águas do batismo, quando eles se identificam como seguidores de Jesus e têm de escolher um rumo. Se não tomarem

cuidado, porém, é fácil se tornarem como crianças, “levados de um lado para outro, empurrados por qualquer vento de novos ensinamentos” (Ef 4.14). Afinal, doutrinas e ortodoxias são inevitáveis. A única pergunta é: *De quem* será o conjunto de ensinamentos (sobre Deus, o mundo, nós mesmos, nosso desenvolvimento) que seguiremos? Concordo com a comparação que Trevin faz da doutrina cristã fundamental com um mapa. Discípulos precisam de direção!

Ele também lembra acertadamente que, por natureza, a doutrina cristã não nos permite privatizar nossa fé. O cristianismo não é algo que as pessoas fazem apenas em seu quarto. Em última análise, o que está em jogo é a declaração pública de uma verdade: “Ele ressuscitou”. Fazer essa asserção significa dispor-se a entrar na arena em que a verdade cristã enfrenta o mundo. *Esse* é o tipo de perspectiva emocionante que temos quando, como cristãos, nos levantamos da cama pela manhã.

E essa ideia é relacionada à metáfora central que Trevin usa para descrever a caminhada cristã: uma *aventura*. Quando eu era menino, gostava de soldados de brinquedo, especialmente de cavaleiros medievais. Talvez por isso tenha me identificado tanto com a descrição de Trevin da ortodoxia como um castelo antigo, da missão da igreja como uma batalha épica por almas eternas (isso sim é igreja militante!) e da vida cristã como uma busca não por nossa glória, como dos cavaleiros de outrora, mas pela glória de Deus.

Em sua leitura de *A emoção da ortodoxia*, quero incentivá-lo, portanto, a ter em mente a imagem de Kierkegaard do Cavaleiro da Fé, equipado com o peitoral da justiça, o escudo da fé e a espada do Espírito, a saber, a Palavra de Deus (Ef 6.11-17). Não dê atenção aos cínicos que desprezam o Cavaleiro da Fé e o consideram um cavaleiro errante, um Dom Quixote evangélico

que, no fim das contas, não passa de uma figura heroica, porém cômica, que trava batalhas com inimigos imaginários e luta contra moinhos de vento, pois imagina equivocadamente que são gigantes. Sim, para o mundo o Cavaleiro da Fé talvez pareça louco, afinal, a fé é “a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos” (Hb 11.1, NVI). E, no entanto, *há* gigantes na terra. O Cavaleiro da Fé não ataca moinhos de vento, e nem mesmo carne e sangue; antes, luta “contra espíritos malignos nas esferas celestiais” (Ef 6.12).

A doutrina faz diferença na vida real, e doutrinas falsas podem ser nocivas. Em última análise, o que está em jogo ao preservar a ortodoxia é a verdade sobre Deus, o evangelho e nós mesmos. E o que torna a ortodoxia emocionante é a relevância perene de sua verdade. Creio que não há melhor exemplo do que o livro de Oliver O'Donovan *Begotten or Made? Human Procreation and Medical Technique* [Gerado ou criado? Procriação humana e técnica médica].¹ O título vem de uma frase de uma doutrina ortodoxa extremamente antiga, a doutrina da Trindade, formulada no Credo Niceno (325 d.C.). No contexto original, “gerado, não criado” refutava a heresia de que o Filho não é um com Deus, mas apenas a mais magnífica criatura de Deus. O'Donovan usa esse dogma do quarto século para tratar de problemas do século 21 resultantes de novas tecnologias de reprodução (como fertilização *in vitro*, mães de aluguel e congelamento de embriões). Aquilo que *geramos*, nossa progênie, é semelhante a nós; tem em comum conosco nossa natureza e dignidade. De modo contrastante, aquilo que *criamos* está debaixo de nosso controle e pode ser usado ou descartado como bem entendermos. No fim das contas, o que está em jogo nessa discussão é nosso entendimento do que significa ser verdadeiramente uma pessoa, com direitos

humanos. O'Donovan consegue mostrar como essa distinção aparentemente enigmática do quarto século (“gerado, não criado”) pode esclarecer o território complexo da ética médica e nos ajudar a interagir com ela. Quem diria!

A ortodoxia importa? Com tantas vozes que afirmam saber a verdade, em qual delas podemos confiar? Aqueles que depositam a confiança na voz da razão (podemos chamá-los “modernos”) são suscetíveis ao pecado mortal do orgulho. De modo contrastante, aqueles que não se mostram dispostos a acreditar em nada, o que inclui a razão (podemos chamá-los “pós-modernos”), são vulneráveis ao pecado mortal da preguiça. O que torna a preguiça mortal não é a indolência física. De acordo com Dorothy Sayers, a preguiça é uma doença espiritual:

No mundo, a preguiça toma para si o nome de tolerância; no inferno, porém, é chamada Desespero. [...] É o pecado que não acredita em nada, não se importa com nada, não busca nada, não interfere em nada, não desfruta nada, não ama nada, não odeia nada, não encontra propósito em nada, não vive para nada e permanece vivo apenas porque não há nada pelo que morrer.²

O antídoto para essa preguiça espiritual é crer em *mais* realidade, e não menos.

É justamente essa a tônica da ortodoxia: ela ajuda os seguidores de Cristo a refletir sobre as implicações das boas-novas de que Deus enviou a ressuscitou seu Filho por nós e para nossa salvação e fez novas todas as coisas. Discípulos precisam da direção que a ortodoxia provê a fim de trilhar o caminho de Jesus Cristo. A emoção da ortodoxia é o convite para fazer exatamente isso, para ser um Cavaleiro da Fé, e não apenas para

satisfazer desejos. É o convite para assumir nosso papel no drama da redenção e andar como filhos da luz. Peter Pan, de J. M. Barrie, disse: “Morrer será uma enorme aventura”. Morrer diariamente, porém, a serviço não de um príncipe terreno, mas do Rei dos reis, é uma aventura ainda maior. Quando eu era criança, falava e raciocinava como criança: queria ser um Cavaleiro da Távola Redonda, em comunhão com o rei Artur. Quando me tornei homem, abri mão das coisas de criança e me tornei Cavaleiro da Mesa do Senhor, em comunhão com o Rei Jesus. Leia este livro e deixe que sua imaginação evangélica seja reavivada por esta apresentação revigorante da emoção da ortodoxia. Sua aventura começa aqui.

Nisto eu creio

A igreja enfrenta seu maior desafio não quando erros novos começam a vencer, mas quando verdades antigas deixam de encantar. J. R. R. Tolkien disse certa vez que a característica mais lamentável da natureza humana é a rapidez com que nos tornamos insatisfeitos com o bem.¹ Recebemos boas dádivas de Deus e, então, ficamos entediados com as bênçãos. Enfado espiritual. Visão embaçada. Dureza de coração. *Esses* são os desafios que a igreja enfrenta.

Lembro-me de minha primeira noite de volta aos Estados Unidos depois de uma estadia de vários meses na Romênia, quando eu tinha 19 anos. Havia resolvido passar algumas semanas em casa durante as festas de final de ano, uma breve pausa em um período de cinco anos dedicado a trabalho missionário e estudos na Europa Oriental. Nos primeiros meses em um país estrangeiro, tinha aprendido a sempre guardar água potável. Passava os finais de semana em um vilarejo, em uma casa sem encanamento, onde descobri novas maneiras de me lavar com baldes de água tirada de um poço e me habituei a sempre ter à mão uma ou duas garrafas de água filtrada.

Naquela primeira noite em casa, ainda envolto na névoa da longa viagem de avião, desfiz as malas, olhei ao redor em meu quarto e, depois, fui até a cozinha no andar de baixo pegar água gelada para beber antes de dormir. Ainda me vejo em pé

na escada, segurando uma garrafa térmica verde escura cheia de água filtrada e gelada que havia corrido, como mágica, ao toque de um botão. Minha mente registrou espanto: *Foi tão fácil!* E meu coração trasbordou de gratidão diante da maravilha de ter água potável corrente, disponível em uma questão de segundos, algo que exigia providência e planejamento na Romênia. Gostaria de poder dizer que essa sensação de maravilhamento e gratidão nunca se esvaneceu, que, desde então, nunca expressei frustração quando o sistema de gelar água da geladeira parou de funcionar, ou quando tive de trocar o filtro. Mas, como seria de esperar, a grande familiaridade com as coisas boas muitas vezes nos torna menos satisfeitos.

A familiaridade é a inimiga do maravilhamento.

Anos depois, em meu trajeto diário para o trabalho, tinha de pegar um caminho ladeado por árvores. E, por algum motivo, comecei a prestar atenção nelas. Meus olhos se abriram para a impressionante variedade presente naquelas fileiras verdes de ambos os lados da estrada, que se erguiam como as paredes do mar Vermelho aberto. Havia uma nogueira aninhada junto a um enorme carvalho, e uma serena bétula acompanhada de um velho e retorcido sicômoro e do roxo primavera de uma árvore do amor. Uma vez desperto para a glória dessas árvores, a dificuldade foi concentrar-me na estrada a fim de não deixar o carro se desviar para uma vala. Quantas vezes antes havia passado a toda velocidade por essas belezas sem fazer o mínimo caso?

A aventura da vida é uma batalha por admiração, uma firme decisão de resistir ao tédio em um mundo repleto de maravilhas. Talvez por isso aqueles que vivem próximos da glória silenciosa das montanhas passem as férias junto ao mar, e vice-versa. Mudamos de cenário para que possamos *enxergar* o cenário. Saímos

de casa para que, mesmo por um breve momento ao retornar, voltemos a perceber sua glória.

A vida cristã começa com admiração espiritual diante da glória do evangelho e da bondade e beleza da verdade cristã, com a surpresa cheia de encantamento de uma criança pequena conduzida a um novo mundo de graça. Ao longo do tempo, contudo, nossas pálpebras ficam pesadas e nosso paladar fica embotado, e é então que os erros se insinuam. A sonolência espiritual nos faz perder a percepção do amor de Deus e enfraquece nosso compromisso de transmitir a fé à geração seguinte. Enfastiamos-nos com as Escrituras, banalizamos a Bíblia e nos desleixamos na doutrina. Habitados demais com a verdade, sentimo-nos atraídos por novos ensinamentos “empolgantes” ou práticas que prometem nos fazer despertar de nosso sono espiritual. E o erro, que sempre se apresenta em roupagem mais chamativa que a verdade, aproveita as ocasiões em que nos mostramos mais propensos a nos desviar.²

Por que perdemos tão facilmente o maravilhamento com as verdades que nortearam e inspiraram cristãos por tantas gerações? Por que deixamos de nos encantar com antigas verdades? Por que nos sentimos atraídos por erros teológicos? Para entender melhor nossa suscetibilidade a essa enfermidade espiritual, temos de olhar com atenção para nosso contexto e ver as forças em ação em nosso mundo, em nossas igrejas e em nós, forças que corroem nossa devoção.

Caos cultural

Começamos com a ansiedade e a inquietação desses tempos caóticos, resultado de polarização política, avanços tecnológicos e calamidades mundiais. Somos bombardeados com informação (e desinformação), inundados de perspectivas e

opiniões diversas, que vão do absurdo ao abstrato e tornam difícil identificar fontes dignas de crédito. Qualquer um pode pegar um megafone e, aos gritos, calar aqueles que se desviam até mesmo ligeiramente desta ou daquela nova ortodoxia que une determinada comunidade ou partido político. Não sabemos em quem podemos confiar, se é que podemos confiar em alguém.

Para os cristãos essa sensação de desnortamento é ampliada por mudanças no panorama moral. Não podemos mais ter a expectativa de que a religiosidade seja respeitável. Crenças e valores tradicionais extraídos da doutrina cristã agora são “extremos”. Princípios que quase todos tinham em comum algumas décadas atrás se tornaram, repentinamente, inaceitáveis. À medida que menos pessoas se identificam com a tradição religiosa, aqueles que hoje seguem formas institucionais de religião são cada vez mais empurrados para as margens.

Em gerações passadas, a religiosidade respeitável e o cristianismo cultural apresentavam seu próprio conjunto de desafios à fé e à prática verdadeiras. O caminho para Cristo nunca é fácil, e cristãos de todas as eras são propensos a se esquecer de seu primeiro amor (Ap 2.4). Na presente era, o perigo de abandonar nosso primeiro amor se manifesta por meio das pressões de uma sociedade em que o cristianismo não é a norma e em que as crenças e valores morais cristãos deixaram de parecer plausíveis. Em meio às mudanças contínuas, a “estabilidade” passou a ser vista com desconfiança. Como todas as outras coisas, a fé foi pega no redemoinho de transformações.

Confusão eclesialística

Enquanto isso, muitas igrejas se encontram em estado de letargia, e a perplexidade esgota as energias dos crentes que

ainda participam dos cultos. Igrejas e denominações estão envoltas em conflitos não muito diferentes do mundo da política inescrupulosa. A desilusão se espalhou e tomou conta da igreja depois das terríveis ondas de escândalo de abuso sexual, formas abusivas de liderança e acobertamento institucional de atrocidades cometidas por alguns dos líderes religiosos mais respeitados do mundo, pessoas consideradas plenamente confiáveis.

A hipocrisia reforçou a disposição anti-institucional de muitos em relação à igreja e levou a uma explosão de novas opções religiosas e experiências espirituais rigorosamente customizadas. A observadora da cultura Tara Isabella Burton diz que muitas pessoas têm trocado a religião institucional pela *espiritualidade intuitiva*: “Uma religião desvinculada de instituições, de credos, de asserções metafísicas a respeito de Deus e do universo [...] mas que ainda busca, de maneiras diversas e variáveis, proporcionar para nós as colunas daquilo que está sempre presente na religião: significado, propósito, comunidade, ritual”.³

Em resposta a essa confusão incapacitante, alguns cristãos consideram necessário atualizar e aprimorar a fé para a era moderna. Outros rejeitam aspectos do cristianismo histórico, mas procuram se apegar a algumas partes mais desejáveis. Vários líderes de grande projeção renunciaram inteiramente a fé. Enquanto isso, um número considerável de pessoas que antes frequentavam a igreja fechou a porta e se foi silenciosamente.

Acomodação cristã

O que acontece com os que restaram, com os cristãos comuns que amam suas famílias e dão valor a suas igrejas? Em todas as gerações, enfrentamos o perigo de ansiar pelo passado e temer

o futuro. E essa mistura de nostalgia e medo nos leva a um estado de acomodação, de fé sem missão. Entramos e saímos da igreja uma semana após a outra e nos contentamos em recitar as mesmas palavras com nossos lábios, mas nosso coração permanece intocado pelas verdades que confessamos, e somos menos propensos a convidar outros a crer nas boas-novas.

O cristianismo acomodado leva à compartimentalização, uma separação conveniente entre verdade cristã e crenças que norteiam nossas atividades diárias.

O cristianismo se torna apenas um aspecto de uma vida atarefada. Ouvimos outros dizerem que nossas crenças não são tão importantes quanto nosso modo de viver. E, mesmo assim, não há problema se nossas escolhas de vida não se alinharem com o ensino cristão, desde que nossa fé nos ajude a ser sinceros e nos impeça de prejudicar outros.

O que falta nesse quadro é a percepção do cristianismo como missão que exige obediência a um Rei, como alegre aventura que nos coloca em confronto direto com oposição ao proclamarmos algo maior e que proporciona mais satisfação do que preferências pessoais. À primeira vista, o chamado do cristianismo à obediência custosa talvez não pareça heroico ou radical. Talvez passemos por fases estressantes, tenhamos dificuldade de educar os filhos, trabalhemos em empregos que não trazem realização e façamos o melhor que podemos para servir os cristãos em uma igreja cheia de problemas. No entanto, temos de lembrar que o caminho do arrependimento e da fé confere importância eterna até aos menores atos de abnegação. A missão permanece e contrasta com o cristianismo acomodado que almeja domesticar a fé e arrefecer seu fervor revolucionário. De maneiras incontáveis que talvez não fiquem evidentes para nós ou para outros, devemos nos rebelar

contra a rebelião de um mundo caído e dar testemunho da soberania de Jesus ressurreto sobre o universo.

O diagnóstico

Tenho convicção de que uma das principais causas dessa enfermidade espiritual é nossa perda de confiança no caráter verdadeiro e bom da fé cristã. Em todas as gerações, corremos o risco de perder o maravilhamento com a glória da verdade cristã e com o testemunho perene da igreja. Em meio ao caos e à confusão, é fácil voltarmos o foco para nós mesmos e, como consequência, nos esquecermos de *Deus*. É como se tivéssemos herdado uma imensa propriedade com belos edifícios cercados por extensos jardins, mas passássemos os dias enfiados em um armário, acomodados e entediados, sem desejo de explorar tudo o que nos foi dado em Cristo.

Passamos por isso antes. Caos e confusão não são novidade. Todas as gerações enfrentam esses desafios, ainda que por motivos diferentes. A chave para a renovação não é nos livrar de aspectos do cristianismo que parecem incômodos em nosso tempo. (Afinal, se o cristianismo é verdadeiro, devemos esperar que todas as culturas entrem em conflito com suas asserções em algum momento.) Também não devemos ignorar novos desafios e desconsiderar as perguntas difíceis a respeito daquilo em que cremos e dos motivos pelos quais cremos.

Não, a chave para a renovação é voltar à única verdade sólida e confiável quando tanta coisa neste mundo é caracterizada por inconstância e modismos: o evangelho de Deus confiado de uma vez por todas aos santos. O evangelho é o anúncio régio de que Jesus Cristo, o Filho de Deus, viveu com perfeição em nosso lugar, morreu de forma substitutiva na cruz por nossos pecados, ressuscitou triunfantemente

da sepultura para dar início à nova criação de Deus e agora é Rei exaltado sobre o mundo. Esse anúncio pede uma resposta: arrependimento (lamentar nosso pecado e deixá-lo para trás, trocar nossos objetivos pelos do reino, definidos por Jesus Cristo) e fé (crer somente em Cristo para a salvação pelo poder do Espírito). Podemos dizer muito mais coisas sobre as boas-novas e seu impacto sobre nós e sobre o mundo.⁴ Mal arranhei a superfície daquilo que J. I. Packer costumava descrever para seus alunos como “a maior coisa que já existiu”;⁵ verdade antiga, mas sempre nova. O caminho para prosseguir consiste em recorrer ao passado, encontrar renovação em algo antigo, em verdades fundamentais testadas pelo tempo, em uma fonte de coisas boas que refresca e sacia, beleza do passado há muito esquecida que eleva nosso olhar acima do sofrimento e da tristeza do presente.

A emoção da ortodoxia

O que a igreja precisa hoje é resgatar a *emoção da ortodoxia*. Para um filósofo como Aristóteles, o termo *ortodoxia* significava opinião “certa” ou “correta”, mas os cristãos primitivos se apropriaram desse termo com o sentido de “ter a crença correta” e, para eles, a crença correta é fundamental, pois é ligada à adoração correta do único Deus verdadeiro. Ao longo dos séculos, *ortodoxia* passou a representar conformidade às Escrituras, de acordo com o consenso da igreja.

Para você, talvez ortodoxia não passe de uma densa e árida lista de doutrinas, uma lista possivelmente necessária, mas não emocionante. Não é muito diferente de esperar que um livro de matemática faça seu coração bater mais forte.

No entanto, essas duas palavras andam juntas. Concordo com Dorothy Sayers, poetisa e escritora de mistérios inglesa.